

CEDI

Povos Indigenas no Brasil

Fonte A Crítica de Povoação Class.: 923  
 Data 25/09/89 Pg.: 03

Matança nos garimpos de RR

Uma verdadeira carnificina vem ocorrendo nas pistas de garimpo da região do Uraricoera. Assassinatos brutais se verificam todos os dias com os cadáveres apenas deitados no rio, segundo denuncia o ex-agente de polícia, Sebastião de Souza Cunha, o Sabá, que retornou há uma semana da região. Ali se encontra uma média de seis pessoas por dia, porque impera a lei mais forte. Todo mundo é armado e as drogas correm soltas. A maioria dos crimes são provocados por desentendimentos por causa de minérios, pois cerca de 70 próstas disputam a peso do ouro amor dos garimpeiros. A tuação tende a ficar incontável. (Página 3)



Sabá Cunha voltou assustado com a conta de violência

Matança incontável na área do Uraricoera

O ex-agente de polícia e sub-delegado de Amajari, agora trabalhando com garimpo, Sebastião de Souza Cunha, voltou esta semana do garimpo Santa Rosa alarmado com o índice de assassinatos que viu, além dos cadáveres em estado de putrefação boiando nas águas do rio uraricoera, próximo às pistas do Pau Grosso, Alto Ericó, pista do Mucum, e muitas outras por onde esteve.

Sebastião, o "Sabá", disse que estava na pista do Pau Grosso, região do Alto Ericó, e lá fez amizade com um ex-agente de polícia para a pista do Mucum, cerca de 3 horas no rio, quando viu três corpos boiando, já em estado de putrefação, sem nenhuma identificação ou vestígio dos autores dos crimes. Depois fomos à pista do Pau Grosso, e fiquei alarmado com o que vi, disse Sabá, afirmando que existem cerca de 12 cadáveres na área.

Enquanto estávamos no local, nos cabarés, mataram quatro homens, sem motivo aparente. Os matadores simplesmente continuaram bebendo e se divertindo, como se nada tivesse acontecido. Não existe respeito ao ser humano; a vida humana não tem valor, eles matam rindo, brincando, sem ao menos avisar.

"Eu acho que o grande problema lá é a grande quantidade de bebidas alcoólicas que corre solta", disse ele, alertando ainda que, o número de mulheres prostitutas ultrapassa 70, só nessa área do cabaré. "E a maioria das brigas são com elas, ou por causa delas", garantiu ele.

Outra coisa que chamou a atenção de Sabá Cunha, segundo suas declarações, é a grande quantidade de entorpecentes que tem na região. "A droga corre solta lá dentro. Quase todos usam, até as mulheres", afirmou Sabá. Não se vê um garimpeiro sem arma, seja na cintura (mostrar eles fazem questão) ou nas costas, nos ca-

sos de espingardas 20, a mais comum lá dentro, afirma o garimpeiro. A arma mais usada é o revólver 38, ou a pistola 7.65, além das espingardas de grosso calibre.

Os segurancas dos donos das pistas ("guagaba", como são chamados os homens que fazem esse serviço) ficam com um revólver 38 na cintura, uma pistola 7.65 no outro lado, e as 20 nas costas, esperando as aeronaves pousarem para cobrar o pedágio, conta ele. "Nos dias em que desci o rio, eu vi em torno de uns 15 cadáveres boiando, fora os que assisti, quando o matador disparava a arma em outro, só que ninguém se mexe do lugar, nem para intervir ou ajudar, se não leva culpa também", denuncia Sebastião.

Na aldeia Campo Verde, dos índios xiriana, um elemento conhecido apenas por Louro matou um outro garimpeiro, quando fomos chegando. Ninguém ao menos teve o trabalho de enterrar o corpo. Apenas rebelam para dentro do rio e as águas levam, denuncia ele. Na pista Santa Rosa, ainda na região de Uraricoera, quando chegamos tinha um homem que havia acabado de ser assassinado, ainda estava no mesmo local. Fui até próximo do corpo e notei que ele segurava alguma coisa na mão. Então peguei. Era uma folha de caderno, pequena, escrito de cima a baixo o nome Antonio Nunes Pereira.

"Quando cheguei ontem em Boa Vista procurei o secretário de Segurança para lhe falar do que eu vi, mesmo porque esse caso requer providências. Não consegui, mas aquilo lá está virando um inferno: eles matam seis por dia, sem que ninguém seja punido. Espero que as autoridades, com o governo, tentem achar um jeito de mudar essa situação, senão não sei onde vão parar", apela Sabá.